

ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS - UM PROJETO URGENTE

Virginia Iara de Andrade Maistro*
Vera Lúcia Bahl Oliveira**
Departamento de Biologia Geral
Centro de Ciências Biológicas UEL

Introdução

A implementação de um projeto de educação sexual nas escolas tem sua complexidade, e esta prática pedagógica é de suma importância e de extrema urgência. Um projeto desta natureza permite estudos por toda a comunidade educativa, deve ser um processo de reflexão sobre o que a escola tem feito sobre a temática da sexualidade para que a melhoria da qualidade do ensino resulte da co-responsabilidade entre todos os educadores e que se repense o papel e a função da instituição escolar. Hoje há uma preocupação em se discutir a sexualidade dos jovens nas instituições escolares, buscando atender explicações nos diferentes campos do conhecimento relacionados às transformações físicas, psicológicas, emocionais, biológicas através da educação sexual. Estamos mais conscientes e conhecedores de que a sexualidade se faz presente em todas as etapas de nosso desenvolvimento como ser humano e à medida que passamos a refletir sobre ela e a conhecemos melhor, isso nos proporciona acréscimos de autoconfiança e auto-estima melhorando a qualidade de vida e o relacionamento interpessoal. Há um número significativo de trabalhos na perspectiva de subsidiar os educadores quanto à abordagem da educação sexual. Contudo, observa-se que são poucas as escolas que incluem em suas práticas um projeto desta natureza. Quando incluem, baseiam-se em palestras de psicólogos, enfermeiros e/ou médicos e afixar nos corredores, cartazes informativos sobre campanhas de prevenção de DST/AIDS, gravidez na adolescência e métodos contraceptivos, como se essas ações fossem suficientes para esclarecer as dúvidas e compreender as múltiplas expressões do tema. Sabe-se que falar sobre sexualidade

por si só já é um desafio, as resistências são muitas, exigindo de todos os envolvidos revisarem conceitos, superar preconceitos e estereótipos, olhar reflexivamente sobre a própria sexualidade, lidar com tabus, medos vergonhas.

Palavras chave: –Educação Sexual – Projeto de ensino – Escola

A escola como lugar de construção

De acordo com Ribeiro (1990, p. 16-17), a liberalização sexual, proveniente de um enfraquecimento do autoritarismo e das mudanças dos modelos e padrões culturais, leva a sociedade a uma ampliação da propagação de material que lembra variados modos de considerar a sexualidade e com ela trabalhar, sem que sejam preenchidas as necessidades e exigências dos jovens, perdidos entre uma moral até então repressora e um novo comportamento que diz ser liberal e tolerante. Ambivalente e contraditória, a sociedade acaba restringindo a expressão da sexualidade do jovem. O jovem poderia encontrar na escola o espaço propício para discutir sobre suas dúvidas, a refletir sobre suas ansiedades e seus conflitos, a discutir preconceitos e a elaborar valores. A escola necessita abrir este espaço para que o jovem se sinta seguro em discutir temas que remetem à sexualidade, com informações corretas, pois é totalmente falsa a idéia de que a “inocência” protege a criança. A ignorância é freqüentemente geradora de angústia, culpa gravidez indesejada e torna os adolescentes “presos” fáceis de abuso sexual. A pessoa mal informada torna-se mais vulnerável às situações, por não saber lidar adequadamente com elas. Sabemos que não tem fundamento à afirmação que as informações acerca da sexualidade podem instigar os jovens, aguçando sua curiosidade. O desconhecimento ou ignorância não é garantia de livrar as pessoas de problemas; se for dada de maneira correta, natural e simples, a informação não vai criar insegurança e nem ansiedade. Se o jovem se sentir inseguro quanto a estes temas, este estado emocional de insegurança pode interferir na sua aprendizagem, pois ele necessita falar sobre suas emoções e saber lidar com elas. Discussões sobre o tema

amenizam e até eliminam algumas angústias. É a escola o lugar indicado para serem abordados assuntos cujos pais têm dificuldade em falar sobre sexualidade com seus filhos, por realmente não saberem como abordar, ou por vergonha ou até por ter tido uma educação extremamente repressora em virtude da qual falar sobre sexo era coisa “imunda” ou pecado.” Dessa maneira, a escola alivia a família que se sente despreparada para enfrentar os conflitos e as contradições que são, em grande parte, vividas nos seus limites, ressalta-se que esta opção da escola trabalhar tal temática não pode tomar o lugar da família, mas sim caminharem juntas. O que justifica uma instituição optar por um trabalho dessa natureza é a preocupação em informar o aluno sobre temas que o angustiam e despertam curiosidades, sobre a necessidade que o adolescente tem de falar sobre suas emoções, dúvidas, conflitos, de discutir assuntos considerados difíceis de serem abordados pelos pais, de quebrar barreiras e tabus sobre a sexualidade (aquilo que é considerado “sujo”, “pornográfico”, “pecado”, “folclore”), bloqueios que, por vezes, interferem na aprendizagem. Cada escola possui uma realidade diferente, e o projeto de educação sexual tem que se moldar a essa realidade. Portanto, cada projeto é único; se surge da necessidade do grupo é porque existe um problema daquele grupo e cada um reage diferentemente diante de determinadas questões da sexualidade. À medida que cada grupo escolher o caminho que irá percorrer, também irá procurar a orientação necessária para o seu percurso, sendo o tempo e as condições importantes para o grupo se conhecer melhor, já que é constituído por diversas pessoas com idéias e ritmos diferentes, o que lhe permite uma saudável construção e o orienta sobre as questões da sexualidade, mediante informações e participação em oficinas para sensibilização e trabalho relacionados aos aspectos psicológicos. Assim, se a escola implementar um projeto de educação sexual, fará o possível para que informações corretas e atualizadas estejam ao alcance dos jovens, na hora certa.

Reis e Ribeiro (2002, p. 84), explicam que,

[...] o aluno muitas vezes chega à escola trazendo dentro de si informações distorcidas, dúvidas e ansiedades, crendices e preconceitos que lhe dão uma visão negativa em relação ao sexo.

E é essa escola que pode oferecer a ele o espaço necessário para refletir sobre seus valores e conflitos, para adquirir conhecimento de questões sexuais e poder expressar sua angústia, seu medo ou culpa. A construção de uma sexualidade a partir da educação sexual recebida da família, assim como a influência dos meios de comunicação, dos amigos, das leituras que faz, é que determina a necessidade do jovem e em que grau a ação educativa na escola irá ajudá-lo a viver plenamente sua sexualidade.

Em Gavidia (2002, p. 21-30) encontramos que existem alguns limites quanto à implantação de projetos educacionais nas escolas, que são: a extrema dificuldade da escola em mudar as formas de comportamento e as escalas de valores, a incorporação, transversalmente, de assuntos que não os das disciplinas curriculares, a necessária formação dos professores, a pouca tradição em trabalhar em equipe, especialmente com os pais e com outras instituições, a escassez de materiais curriculares e o problema da avaliação.

Nunes e Silva (2000, p. 101–129), nos indicam algumas estratégias para essas dificuldades que são: só podemos transmitir com segurança aqueles conceitos e valores em que de fato acreditamos e que nos convencem; porquanto discutir sobre temas relacionados à sexualidade implica uma reeducação da própria sexualidade; reconhecer as possibilidades e os limites da apresentação da sexualidade na instituição-escola e ter clareza de que: não esgotamos a reflexão sobre sexualidade numa apresentação informática e didática; ela não está pronta e acabada, e deve existir sempre um reexame crítico da própria sexualidade, diálogo, escuta e troca; superar o senso comum, que só se consegue no momento em que se recorre à literatura no sentido de aprofundar os conhecimentos por meio dos recursos da pesquisa científica; apresentar a sexualidade humana numa dimensão pedagógica e educacional, o que significa afirmar que quando se discute a sexualidade permite-nos ter a capacidade de relacionarmos com o mundo da natureza e com os demais seres humanos de maneira singular e subjetiva; educar integralmente a criança exige a responsabilidade de

considerar todas as suas dimensões e trabalhar para que nenhuma delas fique de fora do seu processo de desenvolvimento. Sendo a sexualidade uma dimensão ontológica do ser humano, jamais poderemos deixar de contemplá-la neste processo de educação. “A educação sexual, como um processo social no âmbito escolar, poderá ser considerada como um processo de transformação e mudança, que parte de um projeto coletivo e atingem os indivíduos, cada qual com sua busca particular do(s) sentidos(s) da sexualidade”. (LORENCINI JR, 1997, p. 95).

A abordagem de temas que remetem à sexualidade no âmbito da educação precisa ser: explícita para que seja tratada de forma simples e direta; ter espaço e ser ampla, para não reduzir sua complexidade; flexível para permitir o atendimento a conteúdos e situações diversas; e sistemática, para possibilitar aprendizagem e desenvolvimento crescentes.

Entre os **objetivos** no projeto de educação sexual na escola podem-se destacar alguns mais práticos e relevantes como:

- Investigar escolas que desenvolvem ou desenvolveram um projeto sobre sexualidade.
- Investigar os elementos pedagógicos presentes nos projetos de educação sexual que impedem ou possibilitam efetivamente a construção da sexualidade nos alunos.
- Avaliar se essa temática está inserida no currículo escolar, analisando os limites e as possibilidades identificadas nos projetos investigados.

Material e Métodos

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas, com nove professores das séries iniciais de três escolas da rede pública do Estado do Paraná, com 17 perguntas, cujas respostas foram audiogravadas ou respondidas por escrito. A entrevista áudio gravada foi com uma professora da escola A e com quatro professoras da escola C, e, com os quatro professores da escola B a entrevista ocorreu em forma

de um questionário respondido por escrito. Na escola A e C, o roteiro da entrevista semi estruturada se baseava fundamentalmente nos questionamentos que atendessem aos objetivos propostos, mas na medida do possível o entrevistado se sentia à vontade para comentar sobre os assuntos. Na escola B os professores foram submetidos a um questionário por escrito no qual as questões do mesmo modo se baseavam para atender os objetivos propostos. Ao final, fizemos uma categorização das respostas por semelhanças dos temas.

Análise dos Resultados e conclusão

Quando a instituição escolar assume o projeto e o inclui na sua proposta pedagógica, a responsabilidade passa a ser de todos. Na escola **A** o projeto não tinha envolvimento da maioria dos professores e nem dos pais, não tinha caráter interdisciplinar, ficando a cargo de uma professora, durante o período letivo esta se ausentou da escola deixou o encargo para uma professora voluntária, esta não deu seqüência às atividades como também não levou em conta as prioridades. Num projeto desta magnitude, o voluntariado não se sustenta. Mesmo sendo uma tarefa planejada esta necessita de ser enfrentada pela maioria dos profissionais da escola sabendo que é um processo longo e cuidadoso.

Na escola **B**, a participação de todos não foi unânime, muitos educadores contavam com o tempo e deixavam a execução do projeto para o final do ano para que não tivessem tempo hábil para executá-lo, outros o encaravam como aulas de biologia, caracterizando o biologismo e também o entusiasmo da supervisora era maior que o dos educadores.

Melhor envolvimento das professoras na participação das atividades do projeto ocorreu escola **C**, que participaram de diferentes atividades buscado referencial teórico-prático para suas práticas. Participaram de cursos numa Instituição de Ensino Superior sobre Educação Sexual, ouviram os estudantes quanto às suas necessidades, procuraram parcerias com ONGs, com profissionais da Secretaria Municipal e Estadual

da Saúde, que pudessem esclarecer as dúvidas à medida que surgiam, envolveram pais, representantes de religiões, pessoal administrativo.

De acordo com os resultados obtidos, podemos considerar que os projetos podem se desenvolver a partir de qualquer iniciativa: de uma professora, de um grupo, ou de uma política pública; entretanto, qualquer que seja a origem dessa iniciativa parece imprescindível que o projeto se sustente e se desenvolva de modo independente para se ajustar às características dos problemas enfrentados pela escola no que tange à sexualidade.

Quanto mais a escola desenvolver projetos relacionados com os problemas contextuais da sexualidade, mais garante a sua continuidade e sustentabilidade, legitimando o projeto na prática. Mas, é essencial que, professores, alunos e pais mantenham um diálogo permanente, que haja a conscientização de que sexualidade é um fato que deve ser tratado e construído ao longo da vida e que é necessário a formação específica aliada ao conhecimento científico dos educadores para nortear as propostas contidas no projeto de Educação sexual.

Quanto mais um projeto estiver relacionado a uma necessidade ou a uma urgência social, quanto mais a problemática enfocada no projeto estiver relacionada com o contexto da própria escola, quando temas relacionados com a sexualidade são configurados como problemas urgentes e necessários a serem se não solucionados (gravidez na adolescência, violência sexual, doenças sexualmente transmissíveis, e outros), mas discutidos e refletidos pela comunidade escolar, quanto mais educadores, alunos e pais vivenciarem estes problemas, mais o projeto terá resultados significativos e positivos no que tange ao maior envolvimento de muitas pessoas e a mudança de valores e atitudes.

Por conseguinte, podemos considerar que a participação de maior número de pessoas e a necessidade de capacitação por parte dos professores é uma possibilidade, enquanto a falta de formação, a não atualização dos professores e não envolvimento de pais e de outros setores da sociedade é um fator limitante no desenvolvimento do projeto.

Podemos inferir que quando a escola procura implantar e implementar um projeto são para atender demandas específicas do próprio contexto escolar, de problemas que foram contextualizados, sendo assim, é essencial ouvir os alunos quanto às suas necessidades relacionadas aos temas que envolvem a sexualidade.

Para que um projeto tenha êxito é necessário durante a sua elaboração, a presença não só dos agentes escolares, mas dos alunos e dos pais, a fim de saberem o que vai acontecer, para poderem opinar sobre a sua relevância, para se sentirem mais motivados em participar ativamente, quanto maior o número de pessoas envolvidas num projeto maiores as suas chances de se ter ao final dele resultados positivos.

As três escolas envolvidas nesta investigação procuraram ter os pais cientes do projeto e como ele trata de assuntos complexos e que contém uma carga grande de tabus e preconceitos, é natural que se criem polêmicas, mas isto não pode ser motivo para não implantá-lo.

A ênfase do projeto de educação sexual deve ser a discussão em torno da temática da sexualidade sob múltiplos olhares, focar a prevenção e a saúde, as relações de gênero, o corpo como matriz da sexualidade, com funções biológicas, afetivas, e sociais e não procurar apenas tratar da gravidez na adolescência e das doenças sexualmente transmissíveis.

Num projeto de educação sexual pode se prever possibilidades como levantar discussões, assegurar reflexões, orientar e garantir diálogo sobre os temas relacionados à sexualidade se ele for construído a partir das questões e dúvidas trazidas pelos alunos. Considerar como essencial o exercício de aperfeiçoamento da cidadania; do juízo moral, de tomada de decisões e de juízo de valores.

Esta investigação indica que cada escola possui uma realidade diferente da outra, assim um e o projeto de educação sexual necessita atender as especificidades da sua clientela, ou seja, este precisa se moldar às necessidades dessa realidade; o que serve para uma escola, necessariamente, pode não servir para outra. No atual contexto, imerso a divulgações contínuas de conhecimentos, curiosidades, fatos,

conceitos, mudanças de organização social, papéis dos indivíduos, organização familiar e uma produção de mídias escritas e televisivas apresentando fotos e detalhes dos corpos, induz a hiperestimulação sexual dos indivíduos. Apoiadas nesta dimensão onde parece que todas as direções direcionam para a temática da sexualidade, isto é, revistas que têm como tema principal a sexualidade, programas de televisão que apresentam imagens que apelam para a sensualidade, internet com acesso fácil a conteúdos pornográficos, propagandas com alto conteúdo erótico, etc, sente-se ainda mais a urgência de refletir sobre a inserção da educação sexual na escola em forma de projeto. Sendo assim, é necessário que hajam debates, polêmicas, interesses e reflexão sobre a sexualidade dentro do contexto escolar.

É essencial ter a consciência de que um projeto de educação sexual não é uma aula onde os educandos perguntam e o educador responde; é imperioso que todas as questões propostas pelos alunos sejam agrupadas por semelhanças, que sejam elaborados os temas e que não se atribuam notas. A metodologia participativa é a essência do trabalho. Os professores necessitam participar de mais momentos e cursos para que possam estar mais disponíveis, flexíveis e estejam atualizados. Que tratem com clareza os assuntos, pois as crianças e adolescentes trazem noções e emoções sobre sexo, adquiridas em casa, em suas vivências e em suas relações pessoais, e dos meios de comunicação. Esse projeto deve considerar toda a gama de informações e sentimentos e possibilitar reflexão e debate, para que os alunos construam suas opiniões e façam suas escolhas.

Consciente de que nos dias atuais não é mais possível que as questões que envolvem a vida sexual, passem despercebidas ou que sejam tratadas com malícia ou como algo pecaminoso e imoral, e consciente da importância de um projeto dessa natureza, pelo fato desta proporcionar aos jovens um desenvolvimento mais equilibrado da sua personalidade, possibilitando-lhes opções mais responsáveis sobre seu corpo, optamos pela realização deste estudo, que consiste em verificar os limites e as possibilidades das escolas quanto à possibilidade de desenvolver um projeto de educação sexual.

Ao finalizarmos podemos inferir sobre a existência de um projeto de educação sexual na escola; é necessário e possível desde que a escola leve em consideração que para desenvolvê-lo é essencial se mostrar disposta a implantá-lo e implementá-lo, estar aberta a mudanças, a aceitar e assumir novas opiniões e pensamentos, a transpor preconceitos e tabus, mas além disto é saber por onde e como começar. Permitir que o aluno discuta com naturalidade os problemas que o afligem. Ser iniciado no momento em que a criança entra na escola. Não é um trabalho que um professor faça sozinho e nem tanto se sustenta com voluntariado, ele tem que ser discutido pela equipe e supõe planejamento e estudos contínuos, com supervisão, o envolvimento de todos que compõem a comunidade escolar é de suma importância;

Estes fatores que foram apontados ao longo desta pesquisa estão afetos a diferentes aspectos que não podemos perder de vista: da formação dos professores, do trabalho contínuo com os pais, da informação permanente dos alunos e dos pais, da diversificação da metodologia, da construção de um programa sólido. Outros aspectos necessitam ser dimensionados ainda como: diminuição das distâncias entre professores, pais e alunos, a necessidade da formação do vínculo, do envolvimento de maior número de pessoas tanto pertencentes à comunidade escolar quanto de outros setores da sociedade, como tratar determinados assuntos tidos como “polêmicos”, quais seriam os limites e as possibilidades da implantação e implementação do projeto de educação sexual no contexto escolar e principalmente olhar com “outros olhos” a sexualidade com direito ao prazer com responsabilidade.

Consideramos que somente a informação não muda comportamentos. Falar sobre sexualidade por si só já é um desafio, as resistências são muitas, exigindo de todos os envolvidos revisar conceitos, superar preconceitos e estereótipos. Olhar reflexivamente sobre a própria sexualidade é delicado e embaraçoso. Lidar com tabus, medos vergonhas requer muito trabalho tanto intimamente quanto a expô-los. Tudo isto não é nada fácil! Mas só existe aprendizagem quando se para refletir e se coloca em ação tudo aquilo que foi indicado. Nada está pronto, concluído e esgotado. Existe um longo e interessante caminho a ser percorrido.

Referências

GAVIDIA, V. A construção do conceito de transversalidade. In: ÁLVAREZ, M. N. et al. **Valores e temas transversais no currículo**. Tradução por Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 15-30. (Inovação Pedagógica, v. 5)

LORENCINI JÚNIOR Á. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997. p 87–95.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança**: subsídios e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. (Polêmicas do Nosso Tempo, v. 72)

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. A orientação sexual na escola e os parâmetros curriculares nacionais. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação sexual**: apontamentos para uma reflexão. Araraquara: FCL/ Laboratório editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002. p. 81-96.

RIBEIRO. P. R. M. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: EPU. 1990.